

## Narrativas do corta braços: A capoeira como afirmação da presença negra na cidade de Salvador

Jairo Santos Araujo<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar/analisar, a partir dos estudos feitos em torno do romance de Ariovaldo Matos intitulado "Corta Braço", o surgimento da primeira ocupação de Salvador, atual bairro de Pero Vaz, em 1946. Inicialmente, busca-se entender o contexto em que a população negra e pobre de Salvador estava inserida, e as problemáticas que levaram ao surgimento da ocupação, costurando essas questões com o romance e outras fontes de investigações, além de buscar entender seus desdobramentos. Em um segundo momento cria-se uma relação com as narrativas da capoeira, já que, durante seus primeiros anos, entre 1946 e 1948, o Corta Braço passou a ser sede de encontros semanais da roda de capoeira do Mestre Waldemar. Alguns anos depois a roda se transforma em um barracão, que começou a repercutir pela cidade, muito em função da presença de intelectuais conhecidos na época que passaram a frequentar, como Carybé, Mário Cravo, Dorival Caymmi e Pierre Verger. A partir da história do mestre Waldemar, foi possível construir um paralelo entre as narrativas, e entender como um elemento cultural se tornou importante agente de força para afirmação da ocupação perante a Salvador da época.

### Abstract

This article aims to investigate / analyze, from the studies made around the novel of Ariovaldo Matos entitled "Corta Arm", the first job of Salvador, the present neighborhood of Pero Vaz, in 1946. Initially, one seeks to understand the context in the population and the aid of the life is the problem and the problem of took the survival of the occupational, the approach to the romantic and other sources of investigations and beyond researchry their unfoldings. In a series of creations related to the narratives of capoeira, since it was his first years, between 1946 and 1948, the Brave Shard became a series of weekly meetings of the capoeira roda of Mestre Waldemar. Some years after a wheel turned into a dam, which began to reverberate around the city, very present in the presence of intellectuals, last season, such as Carybé, Mario Cravo, Dorival Caymmi and Pierre Verger, among others. From a story of Master Waldemar, he was the owner of an important series of two initiatives and an important cultural element of motivation to become an important resident in Salvador.

*Palavras-chave: Corta Braço – Capoeira - Ocupação*

<sup>1</sup> Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [jairostosarq@gmail.com](mailto:jairostosarq@gmail.com)



O presente trabalho surge como aprofundamento e investigações desenvolvidas na pesquisa - Narrativas da Presença Negra na Cidade de Salvador, em meados do Século XX - orientada pela Professora Gabriela Leandro Pereira<sup>2</sup>. Buscado entender o que se passou, ou como se desenvolveu, a primeira ocupação de Salvador, o Corta Braço<sup>3</sup>, atual bairro de Pero Vaz, acaba sendo uma atividade que requer o entendimento de diferentes tipos de narrativas e olhares. A obra literária de Ariovaldo Matos, um jornalista/escritor, intitulada “Corta-Braço” escrita em 1951/1952 e publicada em 1955, nos mostra uma visão romantizada, como podemos ver logo nas primeiras páginas

Estava limpo o céu e o sol quase desaparecia atrás do sobradão da família Teixeira, que dava fundos para o beco. Nas esquinas viam-se alguns agrupamentos. No fim, além da cerca de zinco enfincados na terra ocre e consistente, jogam futebol alguns alunos do Colégio Baiano.(MATOS, 1988: 15).

Ele narra os fatos que por diferentes motivos levaram a população negra e pobre da época, que vivia em condições precárias, a ocupar aquelas terras. Em outro trecho ele traz “...dezenas de pessoas envolveram-no. A maioria procedia de uma casa coletiva do curuzu, escuro e severo pardieiro, velho de século, explorado por um árabe - Abutaribe - que ocupava, no último andar, três quartos...” (MATOS, 1988: 11). Essa visão trazida por Ariovaldo tem como característica apresentar detalhes de

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia

<sup>3</sup> Corta Braço: “Não há um consenso a respeito da origem do topônimo Corta-Braço. Segundo alguns antigos moradores, o nome advém do fato de que ali era um grande matagal onde abrigava toda sorte de ladrões que assaltavam e feriam, por meio de armas brancas, transeuntes que faziam dali um caminho alternativo entre a estrada da Liberdade e a Baixa de Quintas.[...]Uma razão pela qual os primeiros moradores substituíram o nome de Corta-Braço por Pero Vaz, contudo, é plausível supor duas hipóteses: como ato de fundação de uma “nova” espacialidade e/ou para “desconstruir” a topofobia que o nome Corta-Braços magnetiza.”(ARAUJO, James. p.132, 2010)



situações a partir de elementos factíveis e identificáveis pelo leitor. Sendo assim, para construirmos uma compreensão mais ampla sobre as condições nas quais a população negra e pobre vivia, fez-se necessário costurar o romance do Ariovaldo Matos com outros tipos de narrativas, um pouco mais refinadas e diversas. Para tal, foi preciso acessar dados de órgãos de pesquisa populacional como IBGE, sistematizar informações através da construção de mapas, planilhas, pesquisar artigos, e outras publicações como jornal do Partido Comunista e revistas da época. Foram utilizadas também fotos dos arquivos de Pierre Viegier, e Alice Brill, além dos desenhos feitos por Carybé, e relatos dos Mestre Waldemar.

Através dessas investigações, chegamos a três dimensões importantes para entendimento da posição da população pobre no contexto de desenvolvimento da cidade. São elas:

1. A população carente de habitação e condição mais digna para viver, narrativa acessadas a partir das reportagens do jornal “O MOMENTO”, dirigido pelo Partido Comunista do Brasil (PCB)<sup>4</sup>;
2. O poder público que se posicionava de forma contrária às ocupações, passando a partir da década de 50 a uma repressão e desarticulação governamental das invasões através de ações de remoção sistemática, (ARAÚJO, 2010), sem a preocupação de entender que aquela população apenas buscava seu espaço na cidade;
3. O interesse privado que não entendia como legítima a presença das pessoas nas áreas ocupadas, a não ser quando serviam para torná-los ainda mais ricos, através da cobrança de altos aluguéis, como visto na própria situação das terras do Corta Braço. Nelas, o proprietário, “um italiano chamado Francisco Pelozzi, que as adquiriu por Cr\$35.000,00” (O momento, 6/04/1947), tinha apenas o interesse de especulação imobiliária através da valorização das

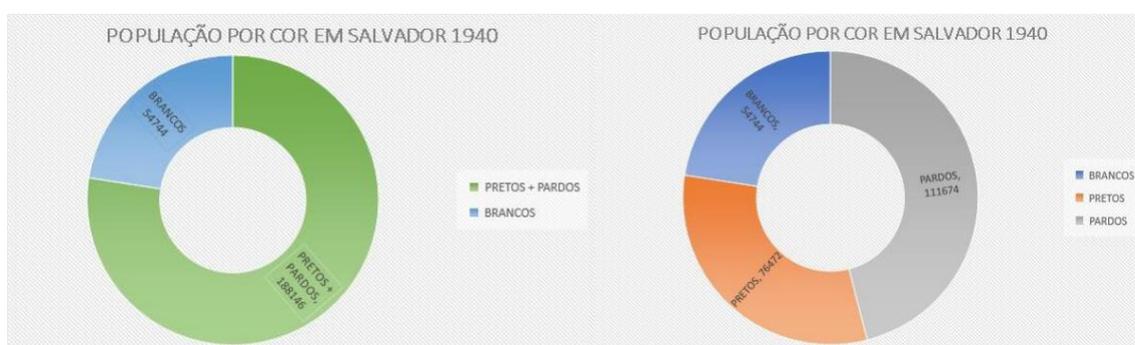
---

<sup>4</sup> No jornal “O Momento” eram publicadas matérias apoiando os movimentos de invasões e reivindicações na cidade e se fazia reportagem denunciando as condições de vida da população pobre. Em uma de suas primeiras reportagens a matéria de capa era “o povo da Bahia já não encontra onde morar”, onde denuncia as condições inumanas em que vivia a população negra e pobre da cidade.

terras ao longo dos anos. Pelozzi manteve concomitantemente no centro da cidade muitas casas de aluguel, uma delas à exemplo “...hospedava 503 pessoas, distribuídas aos montes em seus quartos fétidos.”(MATOS, Ariovaldo, pg.24). essa relação de exploração dos ricos sobre a camada mais pobre da cidade é retratada também em outro momento do livro, onde temos

O patrão é que se enche. Ele sim. Nós só temos o direito de chorar. O patrão é que pode sorrir. Assim foi com meu pai. Assim está sendo comigo. Os anos vão se passando e eles cada vez mais ricos. E nós? Nós cada vez mais pobres. (MATOS, 1988: 54).

Através desse trecho podemos ver como a habitação da população negra e pobre estava associada a esta exploração, situação que se agravou por conta do aumento populacional entre os anos 1940 e 1950. Segundo o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população de Salvador em 1940 era de 290.443 habitantes, passando para 417.235 em 1950. Desse total, segundo o órgão, tínhamos cerca de 76.472 Negros, 111.674 Pardos, e 54.744 Brancos. Como podemos ver nos gráficos a seguir quando juntamos os números da população Negra e Parda, vemos que salvador era composta por uma população majoritariamente Negra.



**Gráfico 01 e 02:**População em Salvador, na década de 1940, segundo cor.

**FONTE :**[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd\\_1940\\_p12\\_t1\\_ba.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p12_t1_ba.pdf)

Esse grande crescimento populacional aumentou a demanda por habitação. Diante disso, em 1946 Salvador adotou um programa instituído pelo governo federal

chamado “Fundação Casa Popular” como uma tentativa de dar acesso facilitado à compra de moradias. Através da figura a seguir vemos a relação dos programas de financiamento:

Quadro 1 – Custo para aquisição de uma “casa popular padrão” no mercado imobiliário de Salvador -1946

Indicadores	Empresas comerciais	Órgãos de previdência	Fundação Casa Popular	Sociedade civil particular
Preço	42.000,00	42.000,00	42.000,00	30.000,00
Entrada	2.100,00	-	-	-
A prazo	39.900,00	42.000,00	42.000,00	30.000,00
Pagamento em	10 anos	15 anos	30 anos	30 anos
Taxa de juros	10%	6%	8%	6%
Mensalidade	527,00	453,00	300,00	190,00
Lucro	40%	-	-	?
Imposto de transmissão	sujeito	isento	isento	sujeito
Valor locativo	400,00	400,00	400,00	300,00

Fonte: Diário de notícias, 11/05/1946, Ed. 12669.

**Imagem 01:** Tabela de relação de custos para financiamento de habitação.

**FONTE:** ARAÚJO, James, pg.107

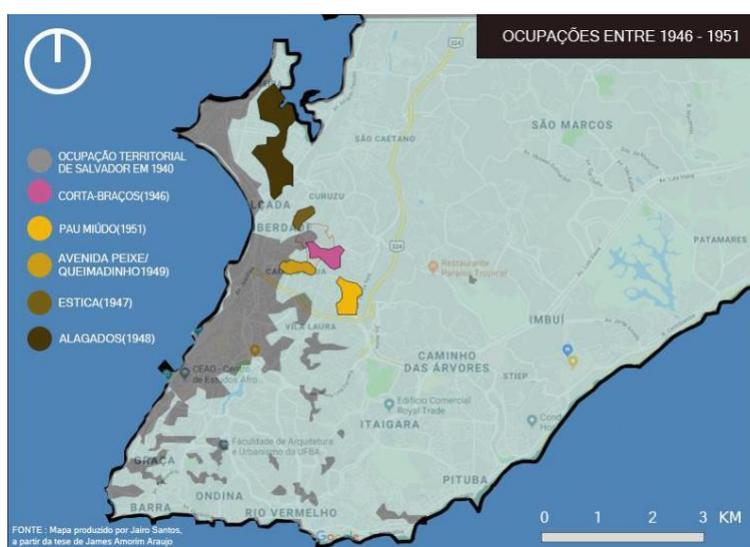
Contudo, como podemos ver, mesmo a mensalidade oferecida de Cr\$300,00 “...equivalia, à época, a 1,4 salários mínimos” (ARAÚJO, James, pg.107), valor que não podia ser pago pela população pobre de Salvador. Além dos programas de financiamento, outra forma de resposta ao crescimento populacional deu-se através do surgimento de novos loteamentos e vendas de terrenos, impulsionados pelo poder público, e acatado pelo setor privado, como no caso das terras do Corta Braço, antes da ocupação. As dificuldades de acesso à habitação somando-se aos agentes supramencionados levaram a população pobre a ver nas “invasões” uma resposta a demanda de habitação.

Em 1946 teve início a ocupação nas terras do Corta Braço, porém sua consolidação não se deu de forma fácil, logo nos primeiros meses houveram enfrentamentos com a polícia,

A multidão, atendendo a um só impulso, deslocou-se para o local onde se dera o alarme. Maneca, Frederico e os estivadores iam na frente. Estacaram

diante dos policiais armados, alguns com metralhadoras e bombas de gás.  
(MATOS, 1988: 188).

Diante de toda a dificuldade enfrentada, o Corta Braço resistiu, e foi esta resistência que fomentou o surgimento de outras ocupações em seu entorno no final da década de 1940, e nas décadas seguintes. No mapa a seguir estão reunidas as principais ocupações que surgiram concomitante:

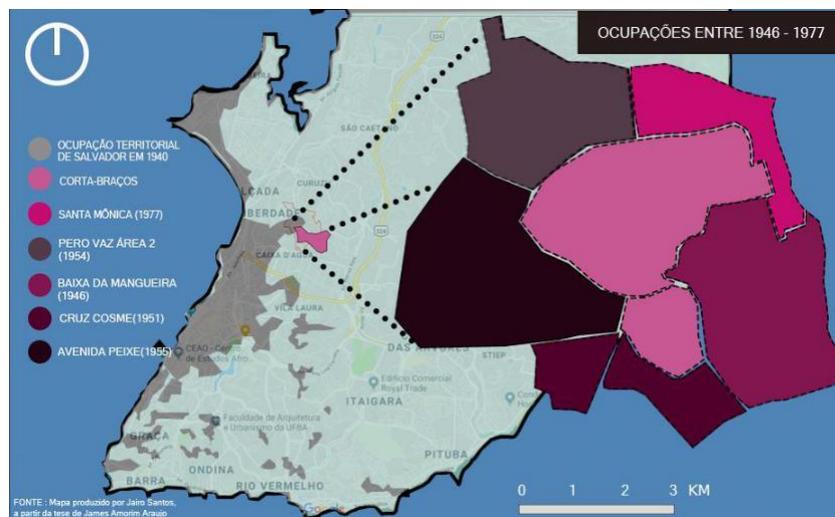


**Mapa 01:** Primeiras ocupações ao no entorno do Corta Braços

**FONTE:** Mapa produzido por Jairo Santos a partir de dados de James Amorim Araujo

Algumas dessas ocupações que surgiram nas décadas de 1940 e 1950 não resistiram aos enfrentamentos policiais e foram destruídas. Por não terem se destacado tanto, também não foram devidamente documentadas, Queimadinho e Estica. Apesar da intensificação da repressão a partir de 1950, como já foi mencionado, algumas ocupações ganharam força como Pau Miúdo (1951) hoje um bairro consolidado, e os Alagados, que surgiu em 1948.

No mapa a seguir vemos as ocupações que surgiram e se consolidaram no entorno imediato do Corta Braço. Embora não tenham sido objetos específicos de análise, especula-se que, talvez, a prosperidade de tais ocupações esteja relacionada com a consolidação vitoriosa dos moradores do Corta Braço.



**Mapa 02:** Ocupações consolidadas que surgiram após o Corta Braços

**FONTE:** Mapa produzido por Jairo Santos a partir de dados de James Amorim Araujo

Como podemos ver, ao compararmos a mancha do que temos atualmente como delimitação do bairro de Pero Vaz vemos que com exceção de Santa Mônica, as ocupações que surgiram ao redor do Corta-Braços acabaram se tornando parte da atual Pero Vaz. Essa afirmação se torna ainda mais forte quando em conversa com um morador nascido no atual bairro da Liberdade, “Robson” e transeunte da região, este relatou histórias, onde essas regiões não são identificadas como independentes, mas sim como pertencentes ao Pero Vaz.

Diante da complexidade, contexto e impacto da formação de uma ocupação, como a do Corta Braço, construída pelo povo negro de Salvador, faz-se necessário incluir na pesquisa novas formas de narrativa. É possível perceber que há a possibilidade de uma nova ótica sobre o assunto, que permite incorporar outras perspectivas metodológicas, trazendo novas questões a serem discutidas e apresentadas através do estudo do Corta Braço.

A busca por respostas, em torno da pergunta “Como a ocupação do Corta Braço se consolidou?”, acaba sendo construída através da reunião dos diferentes detalhes, seja um fragmento, uma imagem, ou um registro, e aos poucos é possível



através desses diferentes tipos de narrativa, rodear os acontecimentos. Em meio a essas buscas, nota-se que a capoeira, uma tradição que sempre esteve presente na nossa cultura e na história de Salvador, também nos conta uma parte importante sobre a formação do atual bairro de Pero Vaz, ex-Corta Braço, e torna-se um importante agente de afirmação.

A capoeira já vinha desde os anos 30 sofrendo um processo de consolidação e “descriminalização” através dos ensinamentos do Mestre Bimba, e,

de 1930 a 1940, cresce o interesse de intelectuais brasileiros e de alguns estrangeiros por essas manifestações que se tornam seus objeto de estudo e pesquisa. Entre eles estavam Gilberto Freyre, Edison Carneiro, Arthur Ramos, Jorge Amado, Donald Pearson, etc. (Dossiê Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil, 2007. Pg, 38)

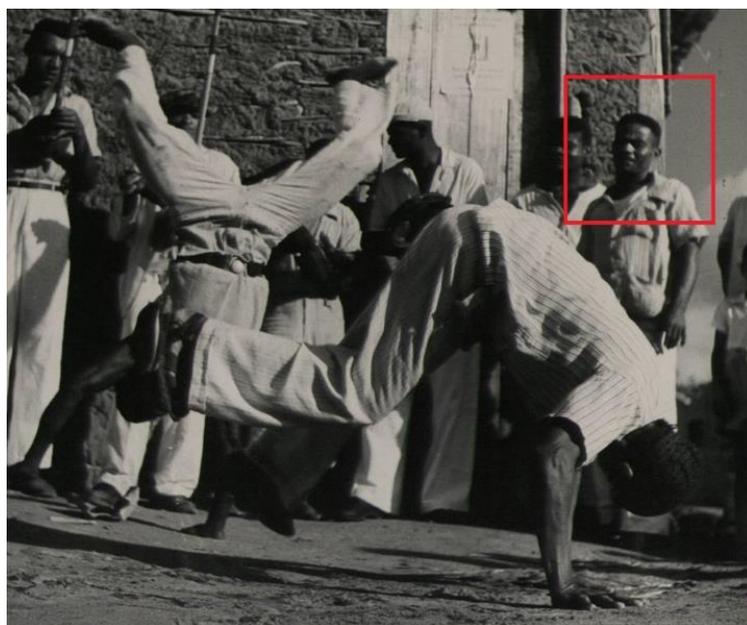
O Corta Braço recebeu logo nos seus primeiros anos de consolidação encontros fixos semanais de capoeira, e estes artistas, músicos, antropólogos, fotógrafos e pesquisadores da época, passaram a frequentar a ocupação. O idealizador foi o Mestre Waldemar da Paixão, Waldemar da Liberdade ou ainda Waldemar do Pero Vaz, como ficou conhecido futuramente. Ele começou a praticar e ensinar capoeira em frente a algumas casas, “Em 1940 eu peguei a ensinar aqui na Pero Vaz”, diz M. Waldemar a uma entrevista que deu a Luiz Renato<sup>5</sup> em 1989.

Vale ressaltar que a presença desses intelectuais em manifestações festivas e culturais Afro da cidade ocorreu muito em consequência do processo de construção do conceito que hoje temos sobre “baianidade”<sup>6</sup>, construído por uma ótica de intelectuais brancos, esses “...intelectuais e artistas começaram a frequentar e investigar ambientes como os Terreiros de Candomblé, feiras populares, festas de largo, etc., até então distantes destes baianos e estrangeiros, em sua maioria brancos e de classe média...”(MACIEL, Neila. p.211. 2016)

<sup>5</sup> Luiz Renato é um sociólogo e mestre de capoeira.

<sup>6</sup> “Baianidade”: Conceito construído principalmente em meados do século XX, a partir de representações artísticas como pinturas, música e literatura, que foram exportadas principalmente por Jorge Amado, Dorival caymmi e Carybé.

Dentre os fotógrafos que visitaram a roda promovida pelo M. Waldemar está Pierre Verger<sup>7</sup>, fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês, que viveu muitos anos aqui no Brasil e registrou a presença da população negra nos diversos pontos da cidade. Um deles foi a roda de capoeira que estava acontecendo no Corta Braço todos os domingos. Diante dos registros, que são impressionantes, podemos construir um paralelo com a narrativa literária de Ariovaldo Matos, no que diz respeito à descrição das construções, e cenários da ocupação, onde ele narra: “uma casinha de sopapo, dois quartos, e no pequeno espaço que ela chamava quintal uma fossa higiênica protegida com palhas de coqueiro. Simples e pobre habitação” (MATOS, 1988.p. 123).



**Imagem 03:** Roda e capoeira do M Waldemar, 1948.

**FONTE :** <http://www.pierreverger.org/br/>

<sup>7</sup> Pierre Verger realizou um trabalho fotográfico de grande importância, baseado no cotidiano e nas culturas populares dos cinco continentes. Além disto, produziu uma obra escrita de referência sobre as culturas afro-baiana e diaspóricas, voltando seu olhar de pesquisador para os aspectos religiosos do candomblé.



**Imagem 04:** Roda e capoeira do M Waldemar, 1948.

**FONTE :** <http://www.pierreverger.org/br/>

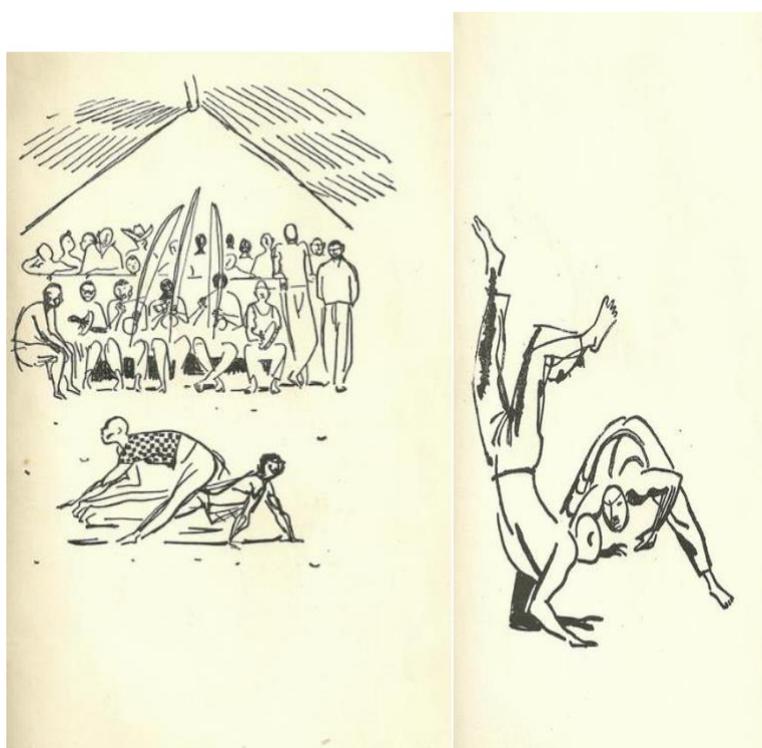
Na foto de Vierge, vemos ao fundo uma casa, com algumas características assim como as descritas no romance. O local desses encontros é incerto. Em um outro trecho da entrevista a Luiz Renato em 1989, Mestre Waldemar diz que “a roda da liberdade era ao ar livre, perto do arvoredado...” e muito provavelmente na parte mais antiga da formação do atual bairro de Pero Vaz.

Em meados do século XX, praticar capoeira se tornou muito frequente na cidade. Grandes mestres viveram aqui. Este também foi um período em que muitos estudiosos abordaram o tema e estiveram na Bahia. Segundo o próprio M. Waldemar “Um dia, o primeiro livro sobre mim que saiu foi ‘Recôncavo brasileiro’, que Carybé<sup>8</sup> escreveu mais Mário Cravo. E aí fui ganhando nome” (PAIXÃO, Waldemar da. Programa Nacional da capoeira, 1989). A presença de artistas baianos nos encontros fez com que a cidade voltasse seus olhares para o Corta Braço, desta vez um olhar

---

<sup>8</sup> Hector Julio Páride Bernabó conhecido como Carybé, foi um pintor, escultor e desenhista. Carybé interessava-se especialmente pela religiosidade e pelos costumes locais e também pelo cotidiano de pessoas humildes, como pescadores, vendedores ambulantes, capoeiristas, lavadeiras e prostitutas,

que reconhecia a ocupação como parte da cidade. Dentre os artistas estão Carybé, Mario Cravo<sup>9</sup> e Dorival Caymmi<sup>10</sup>, tendo o segundo aparecido em fotos do Pierre Vierge. Essa presença repercutiu nos jornais de forma positiva, e turistas passaram a entender aquele como um espaço onde se podiam assistir grandes mestres da capoeira. Em 1951, Carybé escreveu o livro “O Jogo da Capoeira” que fazia parte da “Coleção Recôncavo” organizada por K. Paulo Hebesen. No livro, Carybé relata um pouco sobre a história da capoeira, sua importância enquanto forma de resistência, e como se manteve nos tempos de escravidão, descreve cânticos, chegando até a explicar como funciona o berimbau, além de uma série de 14 desenhos que retratam as rodas de capoeira. A seguir podemos ver alguns desses desenhos feitos por ele, que retratam o jogo e as pessoas tocando enquanto outras apenas assistem.

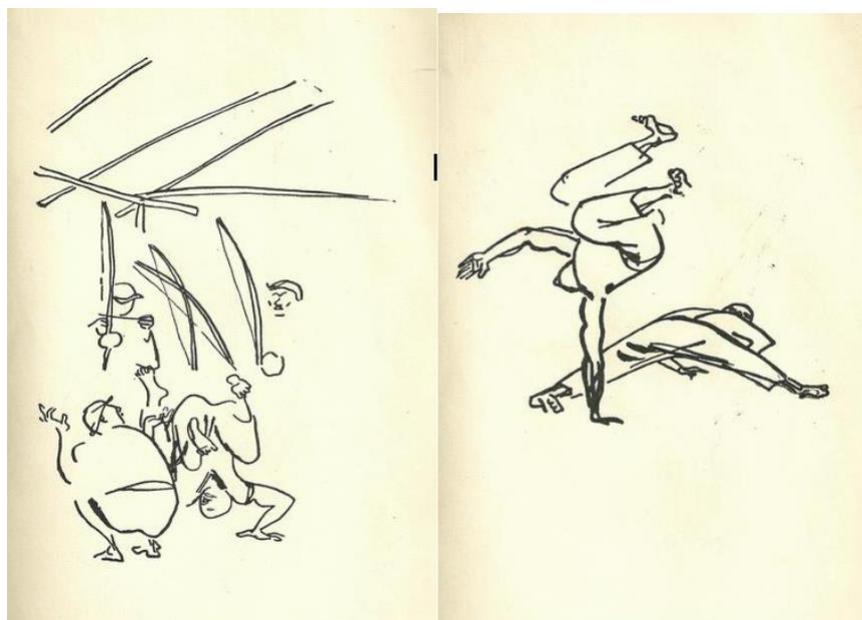


**Imagem 05 e 06.:** Desenhos de Carybé, 1951

**FONTE:** Jogo da Capoeira

<sup>9</sup> Mario Cravo júnior foi um Escultor, gravador, desenhista, professor, Sua obra incorpora bases arcaicas ligadas ao universo popular baiano.

<sup>10</sup> Dorival Caymmi (1914-2008) foi um cantor e compositor brasileiro, cantava os costumes e tradições da Bahia.



**Imagem 07e 08:** Desenhos de Carybé, 1951

**FONTE:** Jogo da Capoeira

Como podemos ver nos desenhos a roda acontece em uma espécie de barracão feito aparentemente de palha. Existiam muitos barracões pela cidade na época, tanto que eles apareciam em jornais, e livros e M. Waldemar, assim como outros mestres, construiu o seu, que ganhou rápida repercussão pois a roda ao ar livre que acontecia no mesmo dia, aos domingos, já era muito famosa. Em entrevista a Luiz Renato em 1989, ele disse:

Eu fazia o ringue na sombra e botava a rapazeada pra jogar. Depois eu fiz um barracão de palha grande, e tudo quanto era capoeirista da Bahia vinha pro meu barracão ali. E fui muito elogiado por Carybé, Mário Cravo, Odorico Tavares, essa gente toda me procurava aqui.

A localização do barracão é incerta, mas em 1951 Odorico Tavares<sup>11</sup> escreveu o livro “Bahia imagens da Terra e do povo” onde ele descreve uma visita ao barracão e um caminho que um suposto visitante poderia fazer para chegar:

<sup>11</sup>Odorico Montenegro Tavares da Silva, mais conhecido como Odorico Tavares, jornalista, poeta, escritor



Tome sua condição, peça para ir, pela Estrada da Liberdade, e não tem o que errar: o passeio por si é belo, pois conhecerá os mesmos caminhos por onde entraram as tropas que fizeram a independência da Bahia, em 1823. Saia, por Nazaré e, logo, na descida para o Barbalho, divisa, na tarde que cai, o panorama dos grandes sobrados, na linha do alto das colinas sobretudo a massa do Convento do Carmo. Depois, o casario da Soledade, onde mais de um belíssimo edifício do século 18 chamará a atenção, alguns deles ostentando beirais inteiros de telhas de azulejos; em seguida, a Lapinha [5 no mapa acima], com suas casinhas em fieira, com seu colorido nas fachadas, numa delas tendo morado a artista Djanira, ali mesmo pintando as figuras do povo que passavam: o menino vendedor de cana, o cego-orquestra, as ruazinhas, os garotos do bairro. Verá o largo da igreja, repleto de pessoas passeando no domingo, como nos velhos tempos, namorados de mãos dadas, a luz baiana dominando, a vista da cidade baixa, no fundo da praça, depois a Liberdade, e antes de chegar ao cinema, logo na esquina do armazém Progresso, tem que dobrar à esquerda: siga e mais adiante está o barracão de Valdemar. Pode entrar sem susto que será muito bem recebido.

Ainda no livro ele descreve os acontecimentos que vê durante a sua visita ao barracão, a organização, os tocadores, os cânticos e os movimentos praticados pelos capoeiristas. Em certo momento ele escreve “Em frente, sentado ao mestre Valdemar com o berimbau, comandando. Há mais de um tocando berimbau...” essa descrição se assemelha muito aos desenhos de Carybé mostrados anteriormente, podendo estes terem sido desenhados a partir do barracão do M. Waldemar, tanto que em 1964 ele faz o quadro “Terreiro de Waldemar”, como pode ser visto a seguir:



**Imagem 09:** Terreiro de Waldemar, Carybé 1964

**FONTE:** <http://velhosmestres.com/br/waldemar>

Outra pista sobre sua localização está na matéria do jornal “Correio Paulistano” publicada em 16 de Novembro de 1957, em que diz “À rua Pero Vaz, no Bairro da Estrada da Liberdade, nesta Capital, fica a capoeira de mestre Waldemar”.

Além de Pierre Vierge, outra fotógrafa registrou a prática da capoeira. Em 1953 Alice Brill<sup>12</sup> fez registros de um dos encontros no barracão, como podemos ver a seguir:

---

<sup>12</sup>Alice Brill foi uma artista plástica, gravadora e ensaísta, além de fotógrafa, que nasceu na Alemanha e veio para o Brasil ainda criança.



**Imagem 10:** Barracão do M.Waldemar, 1953

**FONTE:** Acervo IMS, Alice Brill

Vemos assim que a narrativa construída pela capoeira se ramifica em diferentes formas de expressão, que nos mostram um pouco da história e realidade de época. A visão do Corta Braço como um ponto de encontro semanal o coloca no roteiro da programação de entretenimento da cidade, ao qual já fazia parte os outros barracões existentes.

se o visitante quer assistir ao jôgo da capoeira, há, hoje, mais de um barracão onde pode ir. O de Juvenal, no Chame-Chame, o de pastinha, no Pelourinho, o de Canjiquinha, no Turismo, o de Mestre Bimba, no Alto da Amaralina, o de Mestre Valdemar, no Corta-Braço.(TAVARES, Odorico. Bahia Imagens da Terra e do Povo. Pg. 179, 1951)

Porém, isso não trouxe benefícios maiores que esse, (se é que um bairro que possui sérios problemas de saneamento básico e moradia na época pode ser visto como um local de entretenimento), mais ainda assim, esse é um benefício importante para a sua afirmação como pertencente a cidade já que antes de toda essa repercussão era visto como marginal. Tal realidade é expressa no texto “Capoeira no Terreiro do



Mestre Waldemar” escrito por Eunice Catunda<sup>13</sup>, em 1952, para a revista de Cultura Moderna, Nº30, onde ela diz que o bairro da liberdade:

Como todo bairro operário, não tem calçamento, é cheio de valas onde, em tempo de chuva, as águas apodrecem envoltas em nuvens de mosquitos; seus incontáveis casebres mal se têm de pé, e se o fazem é por pura teimosia. Abundam as vendolas onde se compra desde a jabá até a caninha. É um bairro repleto de vida e de movimento, corajoso e revoltado

Isso nos mostra que ainda que tenha ganhado um novo status para as pessoas da cidade, para os órgãos públicos a região ainda era esquecida e continuava invisível. Apesar de todos as problemáticas enfrentadas, ainda assim era uma população cheia de vida. No mesmo texto ela cita o bairro como sendo esquecido pela prefeitura,

o terreiro de Mestre Waldemar localiza-se no célebre bairro proletário da Liberdade. Bairro de grande densidade de população, sem pretensões, esquecido pela prefeitura que se preocupa em embelezar e cuidar só daqueles trechos da cidade do Salvador que se encontram à vista do turista. (CATUNA, Eunice. Capoeira no Terreiro de Mestre Waldemar, Pg. 16. 1951).

As falas de Eunice Catuna nos mostram que as casinhas de sopapo descritas por Ariovaldo Matos em 1951, ou seja, cerca de 6 anos após o início da ocupação ainda estavam sem saneamento básico o que nos mostra a dureza dos primeiros anos. Apesar de todo o atrativo artístico e intelectual para a ocupação, gerado pela roda de capoeira do Mestre Waldemar, as disputas pelo território na cidade continuaram nos anos seguintes. São travadas inúmeras outras lutas, e conquista após conquista a afirmação do bairro perante a cidade foi ganhando força.

Ainda hoje a demanda por habitação é grande, ainda hoje existem programas de financiamentos que só parecem ser direcionados a população mais pobre da cidade, e ainda hoje surgem novos Corta Braços, que buscam seu espaço, e são assim as lutas da presença negra em Salvador, elas são constantes, elas são marcantes e perpassam por diferentes linguagens, olhares e narrativas.

---

<sup>13</sup>Eunice do Monte Lima Catunda, Pianista, compositora, professora e regente.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATOS, Ariovaldo. **CORTA-BRAÇO**. Livro. 2º ed. Salvador. EGBA/ Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988. 196p;

**FUNDAÇÃO PIERRE VERGER**. Biografia. Salvador/BA. Disponível em:  
< <http://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>>

**FUNDAÇÃO PIERRE VERGER**. Acervo de fotos, portfolio “Retratos da Bahia”. Salvador/BA. Disponível em <<http://www.pierreverger.org/br/acervo-foto.html>>

SERRA, Sônia. **JORNALISMO POLÍTICO DOS COMUNISTAS NO BRASIL: DIRETRIZES E EXPERIÊNCIAS DA “IMPrensa POPULAR”**. Artigo. Salvador, UFBA, 2011;

SERRA, Sônia. **O MOMENTO: HISTÓRIA DE UM JORNAL MILITANTE**. Dissertação de Mestrado. Salvador, UFBA, 1987

AMORIM, James. **MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA E REPRODUÇÃO SOCIAL DA CLASSE TRABALHADORA NA PREFEITURA DE SALVADOR/BA: o Pero Vaz e as formas e práticas derivadas da escravidão**. Tese de Doutorado, São Paulo. Universidade São Paula. 2010, 322p.

MACIEL, Neila. **A PRESENÇA DAS CULTURAS NEGRAS NA ARTE MODERNA EM SALVADOR E O DISCURSO DE BAIANIDADE**. Revista Mosaico, v. 9, n. 2, p. 209-227, jul./dez. 2016.

BARBOSA, Wallace. **DOSSIÊ, INVENTÁRIO PARA REGISTRO E SALVAGUARDA DA CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL**, 2007. Pg, 38

TAVARES, Odorico. **BAHIA IMAGENS DA TERRA E DO POVO**. Pg. 179, 1951

PAIXÃO, Waldemar. Linha do tempo histórica. Disponível em <<http://velhosmestres.com/br/waldemar>>

**BIBLIOTECA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Disponível em

<[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd\\_1940\\_p12\\_t1\\_ba.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p12_t1_ba.pdf)>

**CARYBE**. Disponível em <<https://www.escrioriodearte.com/artista/carybe>>



**MARIO CRAVO JUNIOR.** Disponível em  
<<https://www.escriitoridearte.com/artista/mario-cravo-junior>>

**INSTITUTO MOREIRA SALES.** Alice Brill, Biográfica. São Paulo/SP. Disponível em <<https://ims.com.br/titular-colecao/alice-brill/>>

**EUNICE CATUNA.** Disponível em  
<https://ienciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa635609/eunice-catunda>